

PREFÁCIO (1893) DE WILLIAM MORRIS À OBRA *UTOPIA* DE THOMAS MORUS

Tradução de: Lucas Parreira Álvares¹

MORRIS; William. Foreword to Thomas More's Utopia. In: MORE; Thomas. **Utopia**. Hammersmith: William Morris at the Kelmscott Press, 1893, p.8-13².

Nota do tradutor: a tradução aqui apresentada, pela primeira vez na língua portuguesa, tem como referência um texto de autoria de um dos mais provocantes intelectuais de seu tempo. A trajetória de William Morris (1833-1896) é marcada por trabalhos relevantes em âmbitos distintos, passando pelo design têxtil, a produção de romances, seus trabalhos como tradutor e, em seus últimos anos de vida, como um reconhecido militante socialista na Inglaterra. Em 1893 editou e prefaciou a obra *Utopia*, de Thomas Morus, prefácio esse que abre novas perspectivas para os intérpretes de William Morris, sobretudo pelas impressões causadas por sua obra-prima, *Notícias de Lugar Nenhum*, conhecida por ser um "romance utópico" (é essa a interpretação, por exemplo, a de Michael Löwy e Leandro Konder³). No que diz respeito aos elementos da tradução, optei por manter as pontuações e os termos em maiúsculo – sempre que possível – o mais próximo do original do prefácio de William Morris. Sempre que Morris referenciou o título da obra-prima de Morus, coloquei em itálico para diferenciar dos demais termos em maiúsculo. A tradução por "Morus" em vez de "More" no sobrenome do autor de *Utopia* é uma opção por manter uma consonância com a única tradução brasileira do clássico feita a partir de sua versão original do latim (tradução essa realizada por Leandro Dorval Cardoso e publicada pela Editora Vozes). Já a edição referência da tradução aqui apresentada é a original em inglês do ano de 1893:

1 Graduação em Ciências do Estado (UFMG) e Mestrando em Direito e Justiça (UFMG). Contato: lucasparreira1@gmail.com

2 Para especificidades da edição, vide Anexo 1.

3 Vide: LÖWY, Michael; KONDER, Leandro. Apresentação: O Socialismo Libertário de William Morris, In: MORRIS, William; **Notícias de Lugar Nenhum: ou uma época de tranquilidade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, p.9-20).

PREFÁCIO DA *UTOPIA* DE THOMAS MORUS⁴

A tradução de Ralph Robinson da *Utopia* de Morus não precisaria de nenhum prefácio se fosse vista apenas como um belo livro incorporando as curiosas fantasias de um grande escritor e pensador do período do Renascimento. Sem dúvida, até mesmo há alguns anos atrás, a obra era considerada pelos modernos como nada mais sério do que um “fascinante exercício literário”, temperado com o interesse que lhe é dado pelas alusões à história da época e pelo nosso conhecimento da carreira de seu autor.

Mas a mudança de ideias a respeito de “a melhor condição de uma república⁵”, que aventurei dizer se tratar do grande acontecimento do fim deste século, lançou uma nova luz sobre o livro; de modo que agora para alguns parece não tanto uma lamentação por dias que poderiam ter sido, mas (em sua essência) uma previsão de um estado da sociedade que será. Em resumo, este trabalho de autoria do erudito e do Católico, do homem que resistiu ao que parecia ser o movimento mais progressista de sua época, tornou-se, em nossos dias, um campo Socialista familiar às reuniões e salas de debate do partido político que era, ultimamente, como “a nuvem tão grande quanto a mão de um homem⁶”. Sem dúvida, *Utopia* é uma obra necessária na biblioteca de um Socialista; no entanto, parece-me que seu valor como livro para o estudo da sociologia tem mais utilidade do ponto de vista histórico do que profético, e que nós Socialistas devemos encará-lo como um elo entre o Comunismo sobrevivente da Idade Média (tornar-se descrente no tempo de Morus e condenado a ser brevemente apagado pela onda da Burocracia Comercial), e o movimento progressista esperançoso e prático de hoje. Na verdade, eu acho que Morus deve ser encarado mais como o último do velho do que como o primeiro do novo.

Afora o que permanecia vivo nele da tradição Comunista medieval, o espírito

4 Tradução: Lucas Parreira Álvares. Revisão Técnica: Lorena Martoni de Freitas.

5 Referência ao subtítulo de *Utopia* que é “The best state of a publike weale”.

6 Uma ironia a uma passagem bíblica do livro de Reis (18:44): “Vá e olhe na direção do mar”, disse ao seu servo. E ele foi e olhou. “Não há nada lá”, disse ele. Sete vezes Elias mandou: “Volte para ver”. Na sétima vez o servo disse: “Uma nuvem tão pequena quanto a mão de um homem está se levantando do mar”. Então Elias disse: “Vá dizer a Acabe: Prepare o seu carro e desça, antes que a chuva o impeça”.

de associação que, dentre outras coisas, produziu as Guildas⁷ e que era forte na própria Igreja Católica Medieval, outras influências estavam trabalhando para fazê-lo assumir sua parábola contra o novo espírito de sua Era. A ação do período de transição da Sociedade Medieval para a Comercial, com todas as suas brutalidades, estava diante de seus olhos. Muito embora ele não estivesse sozinho em seu tempo na condenação das injustiças e crueldades da revolução, que destruiu a vida camponesa da Inglaterra e a transformou em uma fazenda de pastoreio para a nobreza rica, criando em um só golpe o assalariado sem propriedade e o vagabundo sem controle (corpos "indigentes"), ainda assim ele observou mais profundamente a raiz dos problemas do que qualquer outro homem de sua época, e nos deixou pouco a acrescentar a suas opiniões sobre este ponto, exceto uma razoável esperança de que essas "causas" não tardarão a ceder a uma melhor forma da sociedade.

Além disso, o espírito do Renascimento, o lado intelectual do próprio movimento contra o qual lutou, era intenso no autor, e sem dúvida o ajudou a criar sua *Utopia* por meio do contraste que colocou diante dos seus olhos entre o ideal das antigas nações livres e a sórdida disputa da luta pelo poder na época do feudalismo moribundo, da qual ele mesmo foi testemunha. Esse entusiasmo Renascentista suplantou nele o sentimento cavalheiresco da época que acabara de desaparecer. Para ele, a guerra já não é mais um deleite do bem nascido, mas sim uma dura necessidade, para ser levada a cabo, se assim for, por meios indesejáveis. Caçar e viajar já não são mais os prazeres de escolha de Damas e Cavalheiros, mas são zombados por ele como tolices e talhas de açougue: seus prazeres são, em geral, a justa aprendizagem e a música. Com tudo isso, sua imaginação do passado precisa ser lida em sua visão ideal, juntamente com suas próprias experiências e pessoas de seu tempo. Naquela ilha feliz, não só existem servos, rei, sacerdotes quase adorados, e punições cruéis para o rompimento do contrato de casamento; mas há também toda uma atmosfera de ascetismo, que tem um sabor curiosamente misturado de "Catão, o velho"⁸ e um Monge medieval.

7 Recebiam o nome de "guildas" ou "corporações de ofício" as associações formadas por artesãos profissionais e independentes, em igualdade de condições, surgidas na Baixa Idade Média (séculos XII ao XV) e destinadas a proteger os seus interesses e manter os privilégios conquistados

8 Marco Pórcio Catão (234 – 149 a.C) foi um político e escritor da República Romana eleito cônsul em 195 a.C.. Ficou conhecido como Catão, o Velho, Catão, o Censor. Catão se destacou por sua defesa conservadora das tradições romanas contra o luxo e a frivolidade da corrente helenística oriunda do con-

Sobre o tema da guerra; sobre a pena de morte; sobre a responsabilidade para com o público dos reis e de outros personagens oficiais, More proclama palavras que não estariam fora de contexto se estivesse na boca de um jacobino do século XVIII; e, à primeira vista, isso parece mais mostrar simpatia com o que agora é o mero Whiggismo⁹ do que com o Comunismo; mas é preciso lembrar que as opiniões que se tornaram (em palavras) o simples lugar-comum dos políticos burgueses usuais, foram então encaradas como fragmentos de um pensamento surpreendentemente novo e avançado, e não o colocam no mesmo plano de um mero radical da última geração.

Em Morus, então, encontram-se o homem instintivamente simpático com o lado Comunista da Sociedade Medieval; o protestante contra a terrível brutalidade do período inicial de Comercialismo; o entusiasta da Renascença, sempre olhando para a sua idealizada sociedade antiga como o tipo e exemplo de toda a vida humana realmente inteligente; o homem influenciado tanto pelo ascetismo do filósofo clássico quanto pelo do monge: um ascetismo que de fato ele apresenta não tanto como um dever, mas sim como uma espécie de um severo adorno da vida.

São esses, por assim dizer, os estados de espírito do homem que criou *Utopia* para nós; sendo todos temperados e harmonizados por uma clareza sensível e uma delicada beleza de estilo, que tornam o livro uma obra de arte viva.

Mas, por fim, nós Socialistas não podemos esquecer que essas qualidades e excelências se encontram para produzir uma expressão constante do anseio por uma sociedade de igualdade de condições; uma sociedade na qual o homem individual dificilmente consegue conceber sua existência desassociada da Comunidade da qual faz parte. Esta, que é a essência de seu livro, é também a essência da luta em que estamos engajados. Ainda que tenha sido, sem dúvidas, a pressão das circunstâncias em seus dias que fizeram de Morus o que ele foi, essa pressão o forçou a nos dar não uma visão do triunfo da sociedade capitalista recém-nascida,

tato cada vez maior de Roma com o oriente

9 Termo referente a "Whigs", um antigo partido político inglês que se contrapunha ao seu rival "Tories" desde o final do século XVII. Em linhas gerais, enquanto os Tories defendiam um absolutismo monárquico, os Whigs defendiam uma monarquia constitucional.

o elemento em que viveu o novo aprendizado e a nova liberdade de pensamento de sua época; mas uma imagem (a dele certamente, não a nossa) do verdadeiro Novo Começo que muitos homens antes dele haviam desejado; e que agora, de fato, podemos bem esperar aproximar-se da realização, mesmo que depois de uma série tão longa de eventos que, no momento de seus acontecimentos, pareciam anular completamente suas esperanças.

William Morris, 1893

Anexo 1

Now revised by f. S. Ellis & printed again
by William Morris at the Kelmscott Press,
Hammersmith, in the County of Middle-
sex. finished the 4th day of August, 1893.



Sold by Reeves & Turner, 196, Strand.



REVICE - Revista de Ciências do Estado
ISSN: 2525-8036
v2.n.1 JAN-JUL.2017
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice
revistadece@gmail.com

ÁLVARES, Lucas Parreira. Prefácio (1893) de William Morris à obra Utopia de Thomas Morus.

Data de Submissão: 01/02/2017 | Data de aprovação: 07/04/2017

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:

MORRIS; William. Prefácio da Utopia de Thomas Morus. Tradução de Lucas Parreira Álvares. In: **Revive** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 478-483, jan./jul. 2017. Título original: Foreword to Thomas More's Utopia.